

Cultura balneária e mudanças na paisagem marítima do Atlântico Sul

Joana Carolina Schossler
Mestre em História
mergulhandonolitoral@gmail.com

Resumo

Desde os primórdios dos balneários marítimos na costa do Brasil meridional, do Uruguai e da Argentina houve uma série de empreendimentos para transformar a paisagem do litoral. Ao longo da costa de quase dois mil quilômetros, o "território do vazio" teve sua paisagem alterada pela proliferação de balneários marítimos, onde houve a introdução de várias plantas exóticas. A proposta desta comunicação é apontar para a continuidade dessa mudança antrópica na paisagem litorânea, destacando as diferentes funções das plantas exóticas nos projetos urbanos e paisagísticos dos balneários marítimos durante o século XX e, conseqüentemente, alguns de seus impactos ambientais.

Palavras- chave: Cultura balneária. Paisagem litorânea. Costa Atlântica.

Introdução

Antes de tratar da relação entre plantas exóticas e cultura balneária no litoral marítimo, cabe fazer um breve comentário sobre a fitogeografia da costa atlântica. Em termos de vegetação, a costa marítima do Estado do Rio Grande do Sul (Brasil), do Departamento de Maldonado (Uruguai) e da Província de Buenos Aires (Argentina) não apresenta a mata da Serra do Mar e os mangues característicos da costa atlântica brasileira.

O litoral do Rio Grande do Sul tem uma extensão de aproximadamente 620 km. Sua superfície terrestre tem cerca de 15.000 km², ou seja, em torno de 5% da área total do Estado. Sua vegetação nativa se difere por zonas ecológicas que compõem um ecossistema complexo, entre a Serra do Mar e o Oceano Atlântico. Predominam na paisagem litorânea a vegetação rasteira e as dunas de areias. Em torno de rios, lagos e lagoas, tem-se uma vegetação mais diversa. A hidrografia, o solo arenoso e os ventos do litoral, entre outros fatores naturais, condicionam a biodiversidade da flora e da fauna na orla marítima.

A seqüência de vegetação no Litoral Norte está associada a fatores ambientais como vento, solo e pluviosidade, ficando evidenciado um gradiente que tende à vegetação herbácea na porção leste, nas proximidades do mar, e para vegetação arbórea, no extremo oeste, no sopé da serra. O fator vento imprime feições marcantes nas copas de árvores e arbustos da vegetação das matas de restinga arenosas mais frontais, com variação marcante na distância das matas entre a porção sul do Litoral Norte, em Cidreira, onde esta distância é de mais de 3 km, e a porção norte, em Torres, onde as matas estão a menos de 500 m da linha da praia. (BRACK, 2007, p.3).

As areias litorâneas oferecem um substrato desfavorável à vegetação. O solo arenoso do litoral marítimo é pobre em nutrientes e possui elevada salinidade. As dunas de areias também refletem a luz e conservam o calor em sua superfície, especialmente durante o verão. Isso determina, em grande parte, a ecologia botânica da paisagem do litoral. (RAMBO, 2000, p. 15-17). Também a composição química da água e do solo desempenha um papel determinante na diversidade e distribuição da vida vegetal pelo litoral. Porém, é o vento um dos principais fatores naturais da formação da paisagem do litoral marítimo, especialmente em relação à mobilidade das dunas e à sua cobertura vegetal.

Em função dos ventos, a vegetação das dunas é baixa e com caules e folhas resistentes à dilaceração e à dessecação. Em áreas de dunas fixas, crescem alguns arbustos como mirtáceas. Em dunas fixas e em faixas de areias movediças medram espécies vegetais diferentes. Em zonas de dunas móveis predominam as gramíneas e em zonas de dunas fixas aparecem alguns arbustos, dos quais o camboim é predominante. Na orla marítima crescem algumas plantas halófilas e gramíneas como a *Spartina*. Essa vegetação arenícola é diferente daquela de zonas vicinais onde há água doce. (RAMBO, 2000, p. 15-17).

Nas margens de cursos fluviais ou de áreas lacustres (lagoas internas ou lagoas costeiras) tem-se o perfilado de galerias ou matas ciliares, onde se destacam as palmeiras jervás (*Syagrus romanzoffina*) e as figueiras. As juncáceas são comuns à beira de lagos e lagoas.

A linha pouco sinuosa da costa marítima do Rio Grande do Sul continua pelo litoral do Uruguai e da Argentina. No Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, alguns rios deságuam no oceano, o que caracteriza uma série de corredores com vegetação própria às suas margens. Na paisagem da costa atlântica dos países vizinhos não há lagoas ou lagoas como no Rio Grande do Sul. Mas o solo arenoso e sua vegetação particular é semelhante por quase 1.000 km de extensão da costa marítima do Chuí até Mar del Plata. Além da matinha litorânea das áreas lacustres na orla marítima do Rio Grande do Sul, uma vegetação particular aparece em

alguns locais como Torres e Punta de Leste, onde a formação rochosa na zona oceânica contribuiu para tal particularidade. (RUSCHEL, 2004, p. 187-188).

Na zona praieira de Torres, uma vegetação variada se aninha entre as rochas, onde se destacam os gravatás (bromeliáceas). (RAMBO, p.46). No extremo norte do litoral do RS havia alguns pântanos e banhados que foram destruídos pela urbanização da primeira metade do século XX, quando a localidade de Torres se tornou um famoso balneário marítimo.ⁱ

Além da ação eólica e de outros agentes naturais para a modelagem da paisagem do litoral, a ação humana tem sido responsável por profundas mudanças na paisagem e também no ecossistema da região costeira, inclusive com a introdução de plantas exóticas, como árvores frutíferas, cucurbitáceas, hortaliças, entre outros.

A paisagem litorânea no século XIX

Antes dos balneários, a paisagem do litoral marítimo possuía uma vegetação nativa com baixa interferência antrópica. Talvez o impacto antrópico mais remoto da paisagem do litoral marítimo seja o sambaqui. Mas o desaparecimento dos sambaquis tem sido provocado pela própria ação humana. No final do século XIX, Karl von Koseritz criticou a exploração econômica dos sambaquis. Em 1906, Roquette-Pinto, ao estudar os sambaquis do litoral, informa sobre outras mudanças naquelas paisagens lacustres e marítimas do litoral. Entre elas, destaca-se o gado *vacum* sobre uma gramínea rala dos extensos areais. (ROQUETTE-PINTO, 1962).

Em seu romance *O Corsário*, Caldre e Fião faz referência à transumância pastoril na zona de campos do litoral marítimo. A introdução do gado remonta ao período colonial, e marcou a paisagem litorânea de forma indelével: as “vacarias del mar”. Também os povoadores europeus introduziram outros animais domésticos, além de plantas com finalidades alimentares, medicinais, entre outras. Roçados com variadas hortaliças, leguminosas e cucurbitáceas, bananais e canaviais foram aos poucos aparecendo na paisagem do litoral. Mas as areias impediam a expansão das plantas exóticas que ficavam reduzidas às encostas dos morros ou às margens das áreas fluviais ou lacustres. Como os povoados e vilas dependiam de água doce, os assentamentos acabaram formando roças em terras mais férteis próximas aos rios, lagos e lagoas. Além da água doce, os habitantes precisavam de madeira para cozinhar alimentos, para construir casas, canoas e currais. Assim, as árvores da encosta

da Serra do Mar e da Serra Geral, além das matas ciliares e arbustos litorâneos foram de grande valia às populações costeiras.ⁱⁱ

No entanto, as areias e os ventos dificultavam o assentamento dessas populações na orla marítima. Nos relatos de viajantes do século XIX, o litoral marítimo do Rio Grande do Sul aparece como uma paisagem hostil e desoladora, onde as areias predominam. O francês Auguste Saint-Hilaire comentou sobre as antigas casas na aldeia de Estreito que foram “enterradas pelos turbilhões de areia que o vento atira sem cessar das margens do mar”. (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 50). Sobre Rio Grande, o viajante mencionou que “a cidade estendia-se outrora bem para o lado oeste. As areias encobriram, entretanto, ruas inteiras”. (SAINT-HILAIRE, p. 62). O belga Baguet afirmou, por sua vez, que “a areia e a água são os dois flagelos de Rio Grande: do lado do mar a água invade as casas e a areia sem cessar ameaça sepultá-las”. (BAGUET, 1997, p. 30).

Sobre a cidade vizinha, alfandegária, o inglês Jonh Luccock calculou em “cem cabanas miseráveis, situadas sem regularidade por entre elevados montes de areia solta; mesmo naquilo a que chamam de ruas, os transeuntes enterram os pés até os tornozelos”. (LUCCOCK, 1975, p.153). Assim, o alemão Carl Seidler comentou sobre a plasticidade arenosa do local.

Com vento forte, às vezes em horas muda-se a fisionomia de toda a região; as dunas entram a caminhar; onde antes era um monte, forma-se de repente um vale, a estrada desaparece em poucos minutos, e o viajor que se afunda na areia até acima dos joelhos busca em vão algum indício do caminho certo; parece-lhe que um golpe de magia o transportou para os desertos da Árabia.ⁱⁱⁱ

Também Robert Avé-Lallemant se referiu ao povoado de São José como um local “terrivelmente ameaçado e já invadido pela areia”.

Tão solta é a areia da costa que facilmente o vento a arrasta. Vi casas em que essa areia já subia até ao primeiro andar. A parte traseira da igreja está meio soterrada. Toda a cidade está de tal modo afogada na areia que, com uma forte tempestade, se poderia profetizar-lhe o destino de Herculano. (SEIDLER, 2003, p.149-150).

Ainda naquela região, Saint-Hilaire viu “negros ocupados em desentulhar os arredores das casas de seus donos”, os quais lhe informaram serem “obrigados a repetir incessantemente esse trabalho para proteção das casas”. (SAINT-HILAIRE, p. 50). E sentenciou: “nada se iguala à tristeza desses lugares. De um lado o Oceano, a mugir, e, do outro o rio. O terreno, extremamente chato e quase ao mesmo tempo ao nível do mar, não passa de branquicentos areais onde vegetam plantas esparsas”. (SAINT-HILAIRE, p. 62).

Seu compatriota, Nicolau Dreys, descreveu a paisagem litorânea como “tristemente nua, seca, ameaçadora” e detalhou que, “em toda esta vasta extensão de costa, não há lugar algum em que o mar não rebente com violência, e do porto de Laguna até o do Rio Grande, nenhum abrigo se oferece ao navegante”. (DREYS, 1990, p. 24).

O inglês John Luccock se referiu à paisagem circundante da aldeia de Mostardas como “um medonho e uniforme deserto de areia, que o vento impele formando dunas de que algumas atingem duzentos pés de altura”. (LUCCOCK, p. 154). A belga Marie Langedonck comentou que o aspecto do Rio Grande é triste; do porto, não se percebe nenhuma vegetação; nada a não ser areia, areia por toda a parte”. (LANGUENDONCK, 2002, p. 28). O alemão Avé-Lallemant se referiu à vista de “tristes e calvas dunas, cuja cadeia parecia infundável”. (AVÉ-LALLEMANT, p. 103). Já seu conterrâneo, Oskar Canstatt, comentou que “as margens mostravam-se despidas de vegetação, parecendo inóspitas e desertas com sua areia amarela”. (CANSTATT, 2002, p. 390).

A paisagem do litoral marítimo do Rio Grande do Sul das primeiras décadas do século XIX, também tem registros pictóricos. Da barra do porto de Rio Grande até Torres, destacam-se as aquarelas de Jean-Baptiste Debret. Além dos povoados e vilas costeiras, suas aquarelas destacam elementos, como as areias e a vegetação, da “paisagem natural” da costa marítima.^{iv}

Não é surpreendente, portanto, que a ideia de arborização do litoral para fixação de dunas já aparece no século XIX. No entanto, o sucesso desse empreendimento só ocorreu a partir da década de 1930, quando os balneários marítimos no Rio Grande do Sul já eram alvos da arborização.

A paisagem litorânea nos primórdios dos balneários marítimos

Desde o balneário de Torres no litoral norte do Rio Grande do Sul até Villa Gesell e Pinamar na costa atlântica da Província de Buenos Aires (Argentina), houve uma série de projetos de arborização com plantas exóticas. No final do século XIX, um latifundiário argentino, *don* Hector Guerrero, começou o plantio de árvores em sua propriedade rural, cujo solo arenoso era um empecilho à pecuária e à agricultura. Sua filha, *dona* Valeria Guerrero Cárdenas de Russo, continuou o projeto do pai com a ajuda do arquiteto e paisagista Jorge Bunge (1891-1963). A partir da década de 1940, a parceria congregou outros proprietários e técnicos a fim de expandir o empreendimento balneário e florestal.

Como predominavam pinus neste projeto de modelagem da paisagem, o balneário, inaugurado em 1943, passou a ser chamado de Pinamar, sendo o arquiteto Jorge Bunge responsável pelo Plano Diretor do balneário, que foi ornamentado com pinus, arbustos, gramíneas e, plantas ornamentais, que foram introduzidas à paisagem balneária.

Em Villa Gesell, a arborização também antecedeu o balneário marítimo. No início da década de 1930, Carlos Gesell (1891-1979) adquiriu terrenos na costa atlântica da província de Buenos Aires. Sua intenção era de plantar pinus naquela região para sua atividade moveleira. Em 1934, o alemão Carlos Bodesheim, engenheiro agrônomo, foi contratado para tal empreendimento florestal. Sem êxito, ele retornou para a Alemanha, mas Carlos Gesell persistiu em seu projeto nas areias da costa atlântica. (GESSEL, 1993).

O empreendimento fáustico de Gesell implicou em fixar as dunas de areia por meio da introdução de coníferas. Na década de 1940, ele publica um anúncio num periódico de Buenos Aires para veraneio em sua propriedade. Assim, iniciava a vilegiatura marítima no balneário de Villa Gesell.^v

Em 1865, no Uruguai, a população do Departamento de Maldonado presenciava mais um naufrágio de um navio. Da tragédia com a embarcação inglesa, o jovem sobrevivente Henry W. Burnett permaneceu na região, e ficou conhecido como o primeiro arborista da costa uruguaia.

O problema das areias invasoras era uma questão grave em Maldonado. No último quartel do século XIX, a pequena cidade se encontrava “ameaçada de morte pelas areias”. Em 1883, Burnett registrou em seu diário que “la arena nuevamente invadió bastante. Pienso que en cuatro años cubrirá todo”. (VERESE, 2002, p. 88).

Conforme Varese, a invasão inclemente das areias obrigava uma luta incessante, na qual todos concordavam que a única solução de efeito duradouro era o plantio de árvores. (VERESE, idem, ibidem). Em 1891, Burnett iniciou o plantio de *Pinus pinaster* em uma área de dois hectares. Apesar das dificuldades iniciais, com os ventos, com a invasão das areias e com insetos que matavam as plantas, o empreendimento inicial, baseado nas experiências de arborização das praias européias, obteve sucesso. Alguns anos mais tarde, a sombra generosa e a barreira contra o vento animaram o inglês a estender o esforço a áreas vizinhas. Em 1909, Burnett já havia plantado sozinho 192 hectares de terra. (VERESE, p. 89-90).

A iniciativa de Henry Burnett se estendeu a Maldonado e outras regiões. O balneário de Piriápolis, por exemplo, teve um projeto urbanístico e paisagístico futurista. Seu idealizador, que criou 70 bairros em Montevideú, também foi autor de um livro, *El Socialismo Triunfante*, no qual, a racionalização do espaço previa matematicamente a

Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

disposição de plantas em áreas urbanas. Francisco Piria também defendia a harmonia entre o rural e o urbano, entre civilização e natureza. Assim, os bosques cultivados em seu balneário contrastavam com a formação rochosa, onde o clima ameno e as belezas “naturais” eram um convite para a vilegiatura terapêutica.

Uno de los soberbios paseos que recomendamos à los turistas es el de la Selva Negra, bosque que dista unas diez cuadras de La playa, y tiene una légua y media de longitud, formado com eucaliptus, acácias, pinos y numerosos árboles forestales de treinta y cuarenta metros de altura. (PIRIA, 1916, p. 29).

Essas “paisagens humanizadas” também foram realizadas no balneário de Punta de Leste, onde o plantio de *pinus* também deu origem ao nome do bairro de Pinares. Em Punta Ballena, Antonio Lussich, que foi proprietário de uma empresa de salvamento marítimo, comprou, em 1896, 1800 hectares de terras rochosas e áridas. Seu objetivo era florestar o local para deter os tufões de vento, mas também para povoar o futuro bosque com pássaros.

Lussich adquiriu plantas, árvores e pássaros de várias partes do mundo.^{vi} Francisco Piria ao se referir ao “arboretum Lussich”, descreveu o feito do arboricultor como “la flora más variada del Uruguay y hasta la de países extranjeros. Um pedazo de Paraíso Terrenal”. (PIRIA, s/d, p.14).

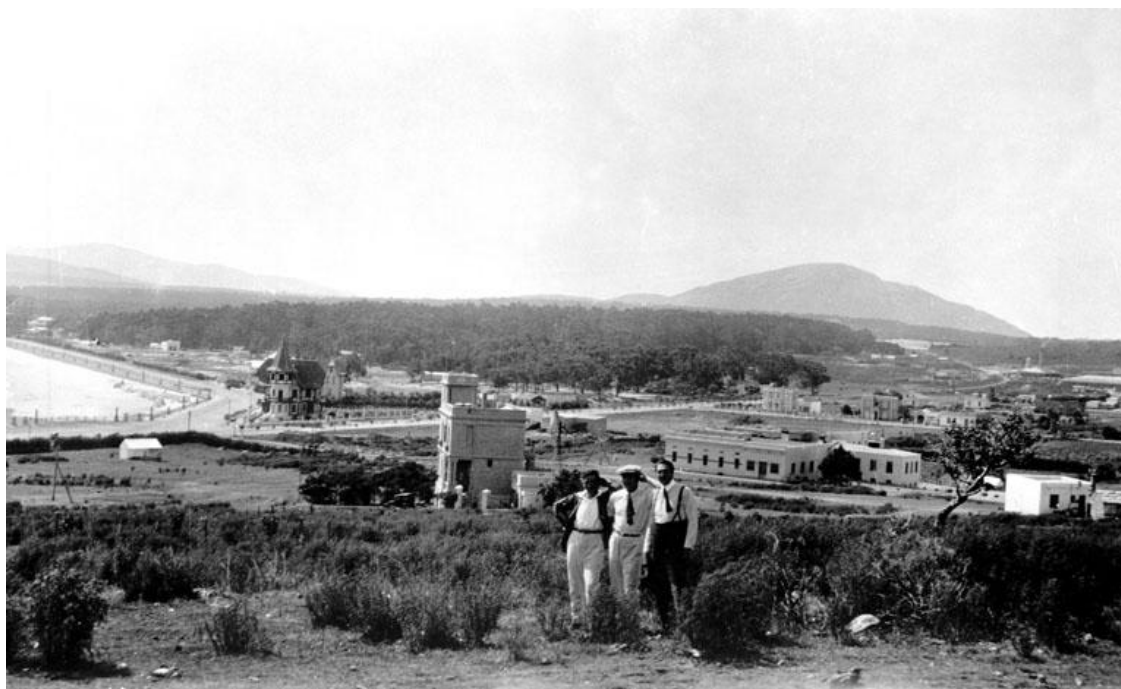


Imagem 1: Balneário de Piriópolis, 1935. Acervo: Centro Municipal de Fotografia/ Montevideo.

Esse ideal de uma natureza ordenada pela ação humana serviu para a orientação de outros projetos urbano-paisagísticos de balneários marítimos no Rio Grande do Sul. Em Rio

Grande, o balneário *Villa Sequeira*, fundado em 1890, no litoral sul, precisou da intervenção do poder público para controlar o constante deslocamento das dunas, que impediam a formação de um núcleo habitacional. (PINHEIRO, 1999, p. 51).

Deste modo, a *Cia. Estrada de ferro Rio Grande-Costa do Mar* colocou como prioridade os melhoramentos e arborização da área do balneário de *Villa Sequeira*, de acordo com o plano de loteamento do local. (PINHEIRO, idem, ibidem).

(...) brevemente se achará esta área de 7.000.000 metros quadrados toda povoada de pinheiros, eucaliptos, acácias, e outras árvores adequadas. (...). Para a obtenção destas árvores que se contará aos milhões, procedeu-se a sua sementeira em um terreno previamente preparado; a fim de evitar as inundações periódicas das depressões do terreno, fez-se a sua drenagem por meio de valas de esgoto em direção ao mar, - protegidas as margens desta vala por bambus plantados. A linha das marinhas, junto à costa, foi plantada de cedro marítimo, e outras árvores e arbustos indígenas que nesta mesma zona tem sido pela Providência distribuídas, e que tem provado a sua eficácia na fixação de dunas. (GUIA DOS BANHISTAS, 1890, p. 5).

Na década de 1940, o engenheiro Ubatuba de Farias foi um dos principais mentores desses projetos urbanísticos para os balneários do litoral norte do Rio Grande do Sul. As areias invasoras, problema dos aldeamentos e cidades litorâneas, foram registradas no relatório de Roquette-Pinto, no início do século XX. Assim, o mesmo enfatizou que “as areias vivem em contínuo assalto às suas casas. Mostraram-me algumas completamente soterradas em pouco tempo, tal qual em São José do Norte, vilazinha que fica à entrada da Lagoa dos Patos”. (apud RUSCHEL, p. 250).

Entre 1910 e 1920, as areias da praia da Cal, em Torres, avançaram sobre o cemitério, o presídio municipal e muitas casas, pois o desmatamento havia subtraído a barreira natural contra o vento sul. (RUSCHEL, p. 514). Desde o início do *Balneário Picoral*, a vila de Torres contava com orçamento para a remoção e fixação de dunas, para abertura e conserto da estrada de acesso dos veranistas. (RUSCHEL, p. 515). As administrações da década de 1930 precisaram manter um serviço quase permanente de remoção da areia com carrinhos de mão e baldes.^{vii} Mas este encargo foi transferido para o poder público estadual na década seguinte, quando foi criado o *Serviço de Fixação de Dunas*. Empregados da *Secretaria de Agricultura* faziam cercas de tiririca nos cumes das areias e desviavam as areias para o banhado. Também foram plantadas acácias e eucaliptos nas proximidades da praia da Cal. Em meados do século XX, com a fixação das dunas, o local foi loteado e arruado. (RUSCHEL, p. 59-60).

Na década de 1940, a arborização dos balneários marítimos já contava com alguns sucessos localizados na costa atlântica da Argentina e do Uruguai. No Rio Grande do Sul, o

governo estadual assumiu a função de fixar dunas no litoral com o fito de desenvolver o turismo do veraneio. Nessa época, o diretor da *Diretoria de Praças e Jardins* da Prefeitura de Porto Alegre, o engenheiro agrônomo Guilherme Gaudenzi, publicou um artigo sobre a arborização dos balneários na revista *A Gaivota*.

Quantas vezes ouvimos dizer, não gosto de tal praia, porque não tem árvores, não tem sombra...

Os veranistas, que fazem sua temporada nos hotéis, não se preocupam em plantá-las; querem os benefícios daquilo que já está feito. Seu interesse não prende-se ao solo que não lhes pertence. Aos moradores do local e proprietários compete pois arborizar.

Mas, arborizar com que? Se tantas vezes tentaram e as plantas morreram.

A areia pobre e o ar salitrado não são por certo meios ótimos para a vegetação em geral; mas, espécies há, que melhor, resistem a esses ambiente um tanto adverso. Mesmo assim, aconselhamos que sempre se prepare melhor o terreno, juntando-lhes maior quantidade possível de terra preta, matéria vegetal em decomposição, folhas secas, estrume cavalari ou bovino etc., principalmente nos buracos onde devem ser plantadas as mudas. Assim procedendo a jovem planta terá um sustento garantido no primeiro período de vida, que é justamente o mais difícil a vencer. Depois do 1º ou 2º ano de plantio, suas raízes se terão distendido, e estará apta a suportar as adversidades futuras.

Plantar diretamente na areia é quase perder tempo.

A seguir damos uma relação de algumas árvores mais adaptáveis aos terrenos salitrosos, embora o mais acertado seria começar pelos arbustos, sub-arbustos e plantas menores, ou mesmo pela grama apenas.

Alnus grandiflora, *Casuarina*, *Celtis*, *Geranium silicua*, *Cercis siliquastrum*, *Eritrina* (corticeiras), *Eucalyptus pilularis*, *Robusta* e *rostrata*, *Gleditsia* amorfoide, *Liquidambar orientalis*, *Maclura aurantiaca*, *Mioporum montanum* (transparente), (Sina-sina) *Phytolacca dioica* (Umbu), *Pinus halepensis*, *Populus itálica* (álamo italiano), *Quercus ilex*, *Salix babilônica* (salseiro chorão), *Schinus molle* (aroeiras).

Quase todas se encontram facilmente nos principais Viveiros de Porto Alegre. (A GAIVOTA, 1943, p. 56).

Interessante observar que a maioria das plantas sugeridas pelo engenheiro agrônomo não é de origem nativa. Vinte anos depois, a mesma revista publica outro artigo sob o título “*Plantio de árvores*”. O autor é o engenheiro agrônomo Dr. Celeste Gobbato. A ênfase da arborização não é somente fixar dunas ou proteger os balneários das tempestades de areia, mas sim “dar um aspecto mais atraente a esses recantos na orla do Atlântico”. Nota-se, no entanto, que não há nenhuma preocupação com o plantio de espécies exóticas.

O desenvolvimento que está tomando nossas praias atlânticas é deveras admirável.

A começar de Torres, a rainha das praias gaúchas, até alcançar Tramandaí, é uma seqüela de numerosos loteamentos, já com ótimas residências e com moradas mais modestas que fazem prever, num futuro bastante próximo, a continuidade de construções entre Capão da Canoa e Torres. Analogamente, embora com maior intensidade, o mesmo fenômeno se está verificando entre Tramandaí, Cidreira e Cassino.

Essa língua de terra, que se estende ao longo do Atlântico numa planície intermínua, de quando em vez interrompida pelos cúmulos ou dunas que jogadas constantemente

pelas impetuosas ventanias, ameaçam os centros habitados, somente encontra na cidade de Torres saliências ponderáveis, que oferecem às suas praias um aspecto tão pitoresco e agradável.

O Governo do Estado, há anos, está procurando evitar a marcha das dunas por meio de operários especializados, está provocando a fixação desses cúmulos, previa organização de esteiras protetoras.

Entre as plantas que melhor resultado oferece no plantio em solo situado na beira do oceano, tanto de planície quanto ondulado, salienta-se a **acácia trinervis** que, abrigada com esteiras durante os primeiros meses de vegetação e em solo limpos de formigas, apresenta pega e desenvolvimento surpreendentes.

Com o húmus que a acácia origina devido às quedas de suas folas e de sua ramagem morta, poucos anos depois, torna-se possível o cultivo de outras plantas nesses mesmos solos de areia, principalmente se auxiliadas, por ocasião do seu plantio, com umas pás de terra, em que não falte o elemento argiloso, na cova onde as mudas são colocadas.

Desta forma, tem vingado muito bem, nessas praias, o rústico transparente, com sua folhagem abundante e esmeraldina; algumas espécies de eucaliptos; as agaves, o fedegoso, os mimos de Venus, os cinamomos, as amoreiras, as casuarinas, o salso e o chorão, alguns ciprestes, certas espécies de pinheiros, as hortênsias e outras vegetais interessantes, inclusive o feijão miúdo, a alfafa, o girassol e outros.

Uma vez que os proprietários de lotes que se encontram nessas praias, fossem obrigados a cintá-los e auxiliassem no custeio das esteiras e da exterminação da formiga, acreditamos que o Serviço de fixação de dunas tomaria a si o encargo da colocação desses abrigos e do plantio das mudas que reputar mais convenientes.

Nessas condições, nossas praias atlânticas, em poucos anos, tomarão aspecto muito diferente do atual. A presença da cor verde dessas plantas além de torná-las mais formosas e encantadoras, contribuirá ainda para auxiliar a fixação dos cúmulos e para propiciar, mais tarde, a lenha e outros produtos que se tornarão cada vez mais escassos numa aglomeração de habitantes que, embora temporária, tende a avolumar-se cada ano mais. (A GAIVOTA, 1963).

Na mesma página, tem-se um informe da empresa *Agro-territorial da Cidreira Ltda.* A unidade de fixação de dunas, dependência da *Diretoria da Produção Vegetal* da Secretaria da Agricultura, em cooperação com a *Agro-Territorial da Cidreira Ltda.*, comunicava aos proprietários daquele balneário que, fixaria e arborizaria gratuitamente todo terreno que fosse convenientemente cercado. Ainda neste número da revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, Nelson Azambuja pleiteia pela arborização, a exemplo dos balneários arborizados do Uruguai.

Todas as nossas praias de mar vêm, todos os anos, recebendo o sopro renovador do progresso.

Calçamento, água potável, esgoto, luz e outros melhoramentos, entre eles, arborização, junto às residências próximas ao mar, dando assim dessa maneira, um aspecto encantador a esses núcleos que vêm se formando num desenvolvimento constante e elogiável.

As nossas estações de veraneio, próximas ao Atlântico, ressentiam-se de há muito dessa falta, sanada agora com a cooperação do Horto da Secretaria de Agricultura, localizado quase à entrada de Tramandaí e que vem fornecendo mudas de arbustos adequados aos locais e os veranistas proprietários, em pequenas latas, preparam mudas, nas cidades e conduzem depois, anualmente, transplantando nos terrenos de suas propriedades nas praias e assim inúmeros recantos do Atlântico, como Cidreira, Atlântida e outras, não mais se ressentirão da falta de arborização, como era antigamente, pois o que predominava era somente areia.

Hoje é um encanto e todos os proprietários estão procurando os meios adequados para arborizarem os terrenos de seus vizinhos nas praias Atlânticas. Que o exemplo frutifique e em breves anos teremos então todas as nossas praias com lindas arborizações, como vimos de notar nas praias dos nossos vizinhos do Uruguai. (A GAIVOTA, 1963).

Essas matérias sobre arborização dos balneários marítimos acusam a participação de órgãos públicos e da iniciativa privada no plantio de árvores e demais plantas, cujas funções variam desde a fixação de dunas até ajardinamento e embelezamento dos balneários. Cabe salientar que o loteamento e a venda de lotes nos balneários marítimos favoreceram um maior número de agentes que, com suas mudas, modificaram a paisagem do litoral em termos de vegetação. Pode-se falar num efeito agregado de milhares, mesmo milhões, de mudas que foram plantadas por veranistas proprietários, o que torna impossível fazer o inventário das plantas introduzidas naquela paisagem, em que a vilegiatura marítima é praticada há mais de cem anos.

A paisagem litorânea à época dos condomínios horizontais

Nas últimas décadas foram introduzidas novas plantas no litoral, sobretudo em condomínios fechados. O paisagismo desses condomínios fomenta a introdução de novas espécies, na sua maioria exótica. Pode-se dizer que esses condomínios produzem paisagens artificiais com plantas exóticas que tem mais função decorativa e ornamental. Um exemplo emblemático é o condomínio fechado *Riviera*, na praia de Xangri-lá, litoral norte do Rio Grande do Sul.^{viii}

A análise comparativa desses empreendimentos imobiliários na orla marítima demonstra uma padronização da paisagem não apenas em termos arquitetônicos, mas também paisagísticos. São áreas verdes padronizadas, matematicamente dispostas num espaço ordenado por uma racionalidade que ignora, muitas vezes, os fatores ambientais.

Impactos ambientais e a paisagem do litoral

Em 1988, uma matéria de Ruy Ruschel sobre o desmatamento da Mata Atlântica foi publicada no jornal local do município de Torres. Neste artigo, o articulista acusou o Serviço

Nacional da Malária, na década de 1940, pela destruição da área florestal situada ao oeste da cidade de Torres. A Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), também teria sido responsável pelo grande consumo de madeira da floresta para os postes elétricos. (RUSCHEL, p. 164).^{ix} Seis anos depois, Ruschel escreveu outro artigo sobre a polêmica urbanização e seu impacto ambiental. O articulista ainda defendeu um desenvolvimento urbano sustentável. (RUSCHEL, p. 630-31). Mas a consciência ecológica de Ruschel tinha seus limites, já que o mesmo não deixou de elogiar algumas obras de urbanismo, como a fixação de dunas com espécies invasoras de árvores exóticas.

Nos últimos anos, a questão ambiental do litoral norte do Rio Grande do Sul tem sido tema de discussões na mídia e na arena política dos municípios daquela região. Em 1999, um diagnóstico foi realizado para orientar ações para a conservação da zona costeira do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. (GUADAGNIN, 1999). Com base neste diagnóstico, pode-se ter uma idéia da degradação do meio-ambiente da orla marítima, sendo a urbanização a principal responsável pelas mudanças antrópicas na paisagem litorânea.

O que deve ser destacado aqui é o seguinte: a urbanização se orienta por uma cultura balneária consolidada entre gaúchos, uruguaios e argentinos em meados do século passado. Em função dessa cultura balneária, a vegetação do litoral também está sendo alterada, pois plantas ornamentais predominam nas casas dos veranistas e nos condomínios fechados. Mas, historicamente, a principal interferência antrópica na vegetação do litoral foi por causa do combate às areias. A fixação de dunas por meio do plantio de árvores exóticas como pinus, eucaliptos e acácias ou a simples remoção das areias, alterou a vegetação litorânea, sobretudo, as gramíneas e herbáceas nativas que medravam sobre as dunas de areias.^x

Em sua tese de doutorado, Tânia Marques Strohäcker (2007) tratou da urbanização do litoral norte e seu múltiplo impacto ambiental. Em seu estudo sobre a vegetação no litoral norte do Rio Grande do Sul, Paulo Brack apontou também para alguns problemas ambientais.^{xi} Entre eles, destacam-se a urbanização, a retirada de dunas e a ocupação de áreas de preservação permanente (restingas, dunas, margens de rios e lagoas). Além disso, o extrativismo dos recursos minerais, a poluição dos mananciais hídricos e a reprodução desordenada de pinus (*Pinus* sp.) ameaçam o ambiente natural do litoral e sua vegetação nativa. Entre as espécies exóticas invasoras da orla marítima, tem-se, em áreas úmidas, o lírio do brejo (*Hedychium coronarium*).

Durante o veraneio, um grande problema ambiental é o destino dos resíduos sólidos. Em geral, os “lixões” e a queima dos mesmos afetam a vegetação local. Na zona estuarina também há uma série de impactos ambientais, principalmente, pela drenagem, aterramento,

alteração da composição das águas por descargas orgânicas e/ou contaminação com substâncias tóxicas.

Considerações finais

Desde os sambaquis, tem-se a interferência antrópica na paisagem do litoral marítimo. Porém, durante o século XX, a ação humana exerceu um impacto ambiental, em termos quantitativos e qualitativos, sem precedentes. A cultura balneária que se consolidou e se desenvolveu durante o século XX foi, sem dúvida, quem orientou as mudanças antrópicas na paisagem da costa marítima.

A urbanização dos balneários só foi possível com a remoção ou fixação de dunas de areias. O aumento dos balneários marítimos provocou uma série de impactos ambientais que interferiram diretamente na fitogeografia do litoral e, por conseguinte, na paisagem. Se nos primórdios da vilegiatura marítima eram apenas alguns homens que plantavam árvores, num “trabalho de Sísifo” nas areias das praias, posteriormente, o conluio entre iniciativa pública e privada garantiu a remoção e/ou fixação de dunas de areias em diversos lugares. Além disso, os veranistas passaram a introduzir novas plantas, mormente ornamentais em suas casas e jardins, mas também em ruas e parques dos balneários. Enfim, trata-se do afã de “domesticar a natureza”.

A imagem futurista de um anúncio da praia de Capão da Canoa na década de 1940 e as imagens recentes de empreendimentos imobiliários de condomínios fechados na orla marítima acusam ideais de uma “natureza domesticada”, matematicamente alinhada e distribuída no espaço idealizado de vivência harmônica entre cultura (balneária) e natureza. Mas uma leitura “a contra pêlo” (no sentido benjaminiano) da história da paisagem do litoral marítimo, não pode olvidar dos impactos ambientais produzidos pela interferência antrópica de uma cultura balneária.

Referências Bibliográficas

AVÉ-LALLEMANT. **Viagem pelas províncias do sul do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

- BAGUET, Alexandre. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1997.
- BRACK, Paulo. **Vegetação e Paisagem do Litoral Norte do Rio Grande do Sul: patrimônio desconhecido e ameaçado**, CECLIMAR-Imbé, 2007.
- CANSTATT, Oskar. **Brasil: terra e gente**. Brasília: Editora do Senado Federal, 2002.
- DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva da província do Rio Grande de São Pedro do Sul**. 4. ed. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1990.
- GESELL, Rosemarie. **Carlos I. Gesell: Su Vida**. Villa Gesell, 1993.
- LANGUENDONCK, Marie. **Uma colônia no Brasil**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.
- LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.
- PINHEIRO, Maria Terezinha Gama. **A fundação do balneário Cassino ao final do século XIX e sua expansão e transformação no decorrer do século XX**. Dissertação de Mestrado (Departamento de Geociências, Mestrado em Geografia), UFSC, Florianópolis, 1999.
- PIRIA, Francisco. **Vade Mecum Piriápolis**, 1916.
- _____. **Como se defiende Piria contra los que le quieren hacer daño**. S/d.
- RAMBO, Balduino. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000.
- ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Relatório da excursão ao litoral e à região das lagoas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1962.
- RUSCHEL, Ruy. **Torres tem História**. Porto Alegre: EST Edições, 2004.
- SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. São Paulo: EDUSP, 1974.
- SEIDLER, Carl. **Dez anos no Brasil**. Brasília: Editora do Senado Federal, 2003.
- STROHAECKER, Tânia Marques. **A Urbanização no litoral norte do estado do Rio Grande do Sul: contribuição para a gestão urbana ambiental do município de Capão da Canoa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geociências. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/10086>, acessado em 10 de agosto de 2010.
- VERESE, Juan Antonio. **De naufrago a pioneiro**. Uruguay: Torre del Vigía Ediciones, 2002.

Outras fontes

A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul, ano XXIX, n.º. 30, Porto Alegre, 1963.

A Gaivota, revista das praias balneárias do Rio Grande do Sul; ano XVI, n.º.17, Porto Alegre, 1943.

Guia dos banhistas: informações sobre a praia de banhos na Villa Sequeira. Propriedade da Companhia Estrada de ferro Rio Grande – Costa Mar. Rio Grande: Typ. da Livraria Rio-Grandense, 1890.

GUADAGNIN, D.L. 1999. **Diagnóstico da situação e ações prioritárias para a conservação da zona costeira da Região Sul - Rio Grande Do Sul e Santa Catarina.** Rel. Téc. Programa Nacional da Diversidade Biológica (Pronabio), Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira (Probio), Fundação Bio-Rio. Porto Alegre.

www.rivieraxangrila.com.br, consultado em 10 de agosto de 2010.

http://es.wikipedia.org/wiki/Arboretum_Lussich, consultado em 10 de agosto de 2010

ⁱ Sobre a memória da paisagem dos banhados no litoral norte do Rio Grande do Sul, ver RUSCHEL, op. cit., p. 700.

ⁱⁱ No início do século XX, olarias e fabriquetas de cal consumiam grande quantidade de lenha em Torres. RUSCHEL, op. cit., p. 59.

^{iv} Há controvérsia sobre a autoria de algumas dessas aquarelas. Sobre as pinturas de Debret da praia de Torres, ver, por exemplo, RUSCHEL, op. cit., p. 273-274.

^v Tanto o projeto de arborização do balneário marítimo de Villa Gesell e Pinamar lembram várias utopias literárias. Entre elas, pode-se mencionar a utopia do “O Homem que plantava árvores”, conto do escritor francês Jean Giono (1895-1970). Mas essas experiências de transformar as paisagens áridas do litoral uruguaio e argentino em arborizadas foram também modelos para projetos de urbanização dos balneários marítimos no Rio Grande do Sul.

^{vi} Atualmente o “Arboretum Lussich” possui 192 ha, sendo composto de 8 espécies de acácias, 6 de Abies, 9 de Cupressus, 45 de eucaliptos, 10 de Juniperos, 20 de Pinus, 16 de Quercus, 4 de Thuja. O parque é uma das reservas florestais mais importantes em nível mundial. Dados disponíveis em: http://es.wikipedia.org/wiki/Arboretum_Lussich, consultado em 10 de agosto de 2010.

^{vii} Esse serviço era feito inclusive por presidiários. Cf. RUSCHEL, op. cit., p. 251 e p. 515.

^{viii} Disponível em: www.rivieraxangrila.com.br, consultado em 10 de agosto de 2010.

^{ix} Ainda sobre a ação devastadora do SNM, Ruschel informa que milhões de bromélias, do chão ou de cima das árvores foram queimadas. Onde a erradicação manual das bromélias não era possível, o método do SNM foi o desmatamento, sendo assim que desapareceu a faixa de mata atlântica, de 3 km de largura e que circundava a cidade de Torres. Cf. RUSCHEL, op. cit., p. 674.

^x Atualmente, em Montevidéu, há um projeto de recuperação e conservação das praias, na qual faz parte a regeneração das dunas.

^{xi} As áreas de preservação permanente foram definidas pelo Código Florestal Federal (Lei 4.771/1965).